

Fundação Itaú Unibanco

Com você

Edição Especial – Plano Futuro Inteligente – Outubro 2016



Nomes, alocações, periodicidade...

A escolha de perfil de investimento, em outubro, terá novidades! Conheça, nesta edição, as alterações que foram feitas para diferenciar ainda mais as opções e facilitar o entendimento dos participantes sobre cada alternativa.

Flexibilidade permite **maior adequação a você**

Quem é você? Um assistido que já está desfrutando sua aposentadoria ou uma assistida que recebe o benefício de Pensão por Morte? Uma participante ativa que investe para formar sua reserva previdenciária? Está perto da aposentadoria? Distante? Um autopatrocinado que resolveu continuar no plano para aproveitar suas vantagens? Um participante BPD que está à espera da elegibilidade? É homem? Mulher? Jovem? De meia idade? Idoso? Casado? Solteira? Viúvo?

É tamanha a **diversidade de participantes e assistidos** de um plano de previdência complementar que a lista de suas características pessoais seria praticamente infinita! E mais: essas características também se modificam ao longo do tempo.

O respeito a essa diversidade levou à criação das opções de perfis de investimento. Com as quatro carteiras, **é possível escolher a alternativa que atenda, de forma mais completa, as suas necessidades e perspectivas**. Mas as opções demandam sua atenção na hora de identificar aquela que, de fato, melhor se ajusta a você, ao seu momento atual e ao cenário econômico-financeiro, sempre de olho no longo prazo.

Essa edição especial do informativo “Com você” foi totalmente pensada para ajudá-lo na **decisão que deverá tomar, durante o mês de outubro: manter ou trocar seu perfil de investimento**. Nesse ano, é ainda mais importante ficar atento porque os perfis passaram por alterações em seus nomes e nas alocações de duas carteiras a fim de tornar mais claras as diferenças entre as estratégias de cada alternativa.

Esse conteúdo foi feito para você! Portanto, aproveite as informações e faça sua escolha de modo cuidadoso.

Os tipos de investimento e seus riscos

Você já deve saber que os perfis de investimento do seu plano têm perspectivas variadas de risco e retorno. Mas o que isso significa na prática? Significa que os tipos de investimento selecionados para formar cada carteira são diferentes, bem como sua parcela na composição do mix de produtos financeiros escolhidos para rentabilizar cada perfil, dentro de limites de alocação previamente definidos (veja nas páginas 6 a 9). Conheça esses ativos:

Renda fixa

Investimentos que oferecem remuneração em intervalos e condições preestabelecidas. Podem ser títulos públicos ou privados, prefixados, pós-fixados ou indexados à inflação, entre outros.

Títulos públicos

Papéis lançados pelo Tesouro Nacional para financiar as atividades do governo federal, com diferentes prazos de vencimento, indexadores e rentabilidades.

Crédito privado

Títulos emitidos por empresas para custear suas atividades e projetos, tais como CDB, Letras Financeiras, Letras Hipotecárias, Debêntures e Notas Promissórias.

Prefixado

Papéis públicos ou privados com rentabilidade predefinida na hora da compra. Mesmo com rentabilidade prefixada, os títulos podem variar, em preço ou valor de mercado, entre a data de compra e o vencimento.

Pós-fixado

Títulos públicos ou privados com remuneração que depende da variação da taxa Selic ou do CDI.

Inflação

Títulos públicos ou privados com rentabilidade atrelada à inflação + taxa de juros. O preço ou valor de mercado desses títulos também pode se alterar entre a data da compra e seu vencimento.



Renda variável

Instrumentos cujos rendimentos não podem ser previamente determinados porque dependem de eventos futuros e fatores conjunturais. São, por exemplo, ações de companhias abertas e fechadas, além de cotas de fundos de ação e participação. Desde novembro de 2013, uma parcela da alocação em renda variável é direcionada para fundos de investimento que comprem ações de empresas no exterior.

Multimercado

Cotas de fundos que apresentam perfil de risco diversificado, pois podem investir em diferentes classes de ativos ao mesmo tempo: renda fixa, variável e câmbio.

O que mudou nos perfis de investimento

As alterações foram aprovadas pela Diretoria e pelo Conselho Deliberativo e as escolhas em outubro já deverão levar em conta as mudanças que passam a valer a partir de janeiro de 2017. Confira o que foi alterado e por quê:

1. Os nomes dos perfis

Como era	Como ficou
Ultraconservador	▶ Ultraconservador RF DI
Conservador	▶ Conservador RV 7,5
Moderado	▶ Moderado RV 20
Arrojado	▶ Arrojado RV 40

Por quê?

- Para assegurar maior objetividade e clareza em relação ao principal fator de risco de cada perfil, sobretudo na alocação em renda variável (RV).

2. As alocações de 2 perfis*

Como era	Como ficou
Conservador • Renda variável: 7,5% (com intervalo entre 0% e 15%) • Renda fixa: até 100%	▶ Conservador RV 7,5 • Renda variável: 7,5% (com intervalo entre 5% e 10%) • Renda fixa: até 95%
Arrojado • Renda variável: 35% (com intervalo entre 20% e 50%) • Renda fixa: até 80%	▶ Arrojado RV 40 • Renda variável: 40% (com intervalo entre 30% e 50%) • Renda fixa: até 70%

Por quê?

- Para destacar que haverá sempre uma parcela de alocação em renda variável (RV) no perfil Conservador RV 7,5.
- Para evitar a sobreposição dos intervalos de alocação em RV entre os perfis Conservador RV 7,5 e Moderado RV 20 e entre os perfis Moderado RV 20 e Arrojado RV 40.

* Não houve alteração nos intervalos de alocação dos perfis Ultraconservador RF DI (até 100% em renda fixa) e Moderado RV 20 (20% em renda variável, com intervalo entre 10% e 30%, e até 90% em renda fixa).

3. A frequência de escolha

Como era	Como ficou
1 vez por ano	▶ 2 vezes por ano

Por quê?

- Para proporcionar maior flexibilidade para os participantes e assistidos em suas decisões. Os meses de alteração serão definidos pelo Conselho Deliberativo da Fundação.

Para que suas escolhas sejam cada vez melhores

O principal objetivo das alterações feitas nos perfis foi aumentar ainda mais a transparência e a flexibilidade em relação à gestão de seus recursos. São, portanto, melhorias que visam assegurar aos participantes e assistidos maior compreensão das variáveis e metas das diferentes carteiras. Para saber mais sobre as razões das mudanças e as vantagens esperadas, o “Com você” conversou com o diretor presidente da Fundação Itaú Unibanco, **Marcelo Luís Orticelli**. Acompanhe:

Divulgação



Quais as vantagens dessas alterações?

Estamos sempre buscando formas de facilitar o entendimento das características e benefícios dos planos. Isso faz parte de nosso compromisso com a educação financeira e previdenciária dos participantes e assistidos. No caso dos planos de Contribuição Definida (CD), há algumas escolhas que precisam ser feitas de modo consciente e cuidadoso e o perfil de investimento é uma delas. As mudanças vão nesse sentido.

Como assim?

Identificamos, por exemplo, que os nomes dos perfis dependiam da percepção de cada participante. Afinal, o que é conservador para uma pessoa não será necessariamente para outra. A inclusão dos termos “DI” e “RV x” esclarece rapidamente qual o principal fator de risco de cada perfil, tornando as nomenclaturas menos qualitativas e mais objetivas.

Quanto à alocação, quisemos ressaltar que o perfil Conservador RV 7,5 sempre terá uma parte de sua carteira investida em renda variável (em média, 7,5%), podendo oscilar de 5% a 10%. Além disso, com as alterações das bandas (intervalos permitidos para alocação em determinados tipos de investimento), procuramos evitar que perfis de menor risco possam, em alguma circunstância, ter parcelas iguais ou maiores em renda variável do que perfis de maior risco.

E por que a revisão, agora, pode ser semestral?

As escolhas feitas pelos participantes e assistidos nos períodos de troca de perfil afetam diretamente o resultado final de seus investimentos. A redução no intervalo entre esses momentos visa oferecer maior maleabilidade para suas decisões. Mas a nova frequência exige ainda mais atenção.

Mais atenção em que sentido?

A definição do perfil de investimento deve ser realizada visando prioritariamente o longo prazo. É preciso que o participante faça uma reflexão profunda sobre seu momento de vida, a conjuntura econômica, suas expectativas e necessidades pessoais. Espera-se que não ocorram modificações drásticas em curtos períodos que ocasionem trocas frequentes de perfis. No entanto, alguns eventos como a aposentadoria, surpresas positivas ou negativas em suas finanças e mudança na conjuntura econômica, entre outros, podem levar o participante a precisar rever seu perfil e o ideal é que esse ajuste possa ser feito o quanto antes.

Ultraconservador RF DI



Investimentos	Aplicações em títulos de renda fixa pós-fixados, referenciados ao CDI de emissores públicos e privados.
Objetivo e riscos	Em razão de fazer investimentos de baixo risco, os retornos esperados para esse perfil tendem a ser próximos ao CDI.
Tipo de participante	Aquele que não pode ou não deseja correr riscos maiores do que os previstos no mercado de juros pós-fixados.
Benchmark (referência de rentabilidade)	100% do CDI
Intervalo de alocação em renda variável	Não permite alocação em renda variável.

Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

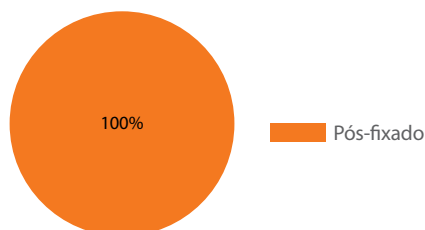
2

1

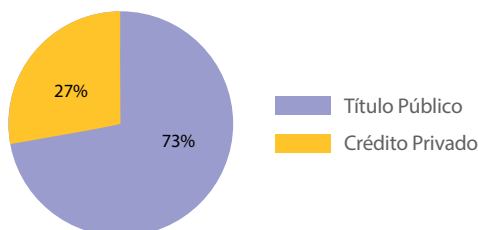
0

Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Desempenho

	2016* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	9,36%	14,37%	28,80%	42,16%
Retorno do benchmark	9,21%	14,13%	28,22%	41,17%
CDI	9,21%	14,13%	28,22%	41,17%
Inflação - IPCA	5,42%	8,97%	19,36%	27,13%
Ibovespa	33,57%	24,18%	-5,53%	15,78%
Volatilidade* ² (% ao ano)	0,04%	0,04%	0,07%	0,10%
Retornos positivos* ³ (% dias)	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	70,83%	73,02%	78,22%	81,75%

*1 Acumulado de janeiro a agosto de 2016

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Conservador RV 7,5



Investimentos	Possui em torno de 7,5% dos recursos em renda variável e, na renda fixa, investe em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada.
Objetivo e riscos	Obter resultados um pouco superiores ao CDI no longo prazo. Por investir em renda variável e em outros ativos com risco, pode apresentar flutuações relevantes em seu desempenho mensal, incluindo rentabilidade negativa, mas que, em janelas de médio prazo, se torna positiva.
Tipo de participante	Aquele que concorda em somar uma parcela de risco à sua carteira, com a alocação em renda variável, buscando no longo prazo conquistar rentabilidades um pouco superiores às das taxas de juros de curto prazo. Deve estar disposto a enfrentar os riscos de instabilidade nas taxas de juros e nas Bolsas de Valores.
Benchmark (referência de rentabilidade)	92,5% do CDI + 7,5% Ibovespa, rebalanceado mensalmente
Intervalo de alocação em renda variável	Entre 5% e 10%.

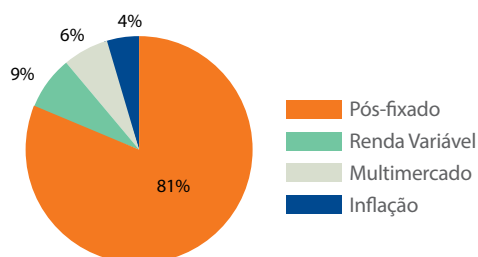
Importante: Com o novo intervalo de alocação, o perfil Conservador RV 7,5 pode investir de 5% a 10% de seu patrimônio em renda variável.

Risco relativo do investimento

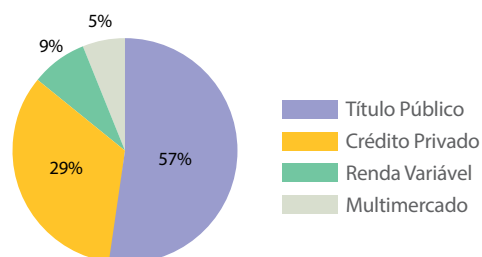
10
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0

Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Desempenho

	2016* ¹	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	11,64%	16,23%	27,43%	41,92%
Retorno do benchmark	11,10%	15,12%	25,88%	39,84%
CDI	9,21%	14,13%	28,22%	41,17%
Inflação - IPCA	5,42%	8,97%	19,36%	27,13%
Ibovespa	33,57%	24,18%	-5,53%	15,78%
Volatilidade* ² (% ao ano)	1,76%	1,74%	1,79%	1,64%
Retornos positivos* ³ (% dias)	75,00%	75,00%	71,09%	70,37%
Retornos acima do benchmark* ⁴ (% de dias)	55,36%	56,35%	54,85%	54,76%

*¹ Acumulado de janeiro a agosto de 2016

*² Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*³ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*⁴ Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Moderado RV 20



Investimentos	Investe em torno de 20% do patrimônio em renda variável e mantém estratégias de juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação para a alocação em renda fixa, de emissão pública e privada.
Objetivo e riscos	Possui perspectiva de rentabilidades superiores no longo prazo, mas pode apresentar resultados baixos ou negativos por períodos relativamente prolongados (alguns semestres).
Tipo de participante	Aquele com horizontes mais longos e que deseja assumir mais riscos do que os trazidos pelo perfil Conservador RV 7,5 a fim de conquistar maiores retornos no longo prazo. Precisa estar disposto a lidar com as variações das taxas de juros e das Bolsas de Valores e consequente rentabilidade negativa acumulada em período razoável.
Benchmark (referência de rentabilidade)	80% do CDI + 20% Ibovespa, rebalanceado mensalmente
Intervalo de alocação em renda variável	Entre 10% e 30%.

Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

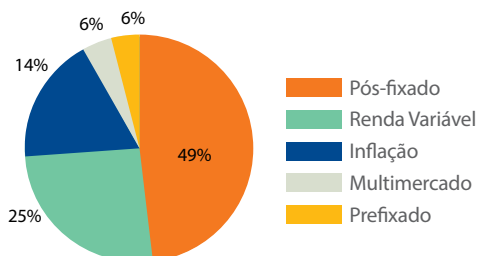
2

1

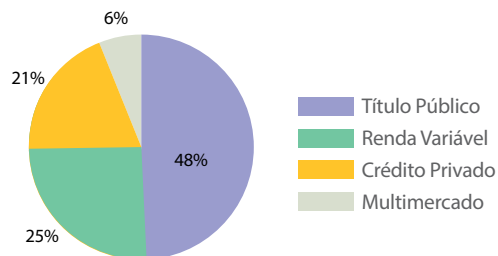
0

Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Desempenho

	2016*1	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	15,83%	19,80%	26,93%	43,34%
Retorno do benchmark	14,24%	16,68%	21,89%	37,39%
CDI	9,21%	14,13%	28,22%	41,17%
Inflação - IPCA	5,42%	8,97%	19,36%	27,13%
Ibovespa	33,57%	24,18%	-5,53%	15,78%
Volatilidade*2 (% ao ano)	4,79%	4,48%	4,39%	4,02%
Retornos positivos*3 (% dias)	61,31%	63,10%	58,81%	58,73%
Retornos acima do benchmark*4 (% de dias)	55,36%	56,75%	53,86%	52,78%

*1 Acumulado de janeiro a agosto de 2016

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Arrojado RV 40



Investimentos	Mantém em torno de 40% dos recursos em renda variável e, na parcela de renda fixa, faz alocações em juros pós-fixados, prefixados e indexados à inflação, de emissão pública e privada.
Objetivo e riscos	Opção com maior potencial para alcançar resultados superiores em horizontes mais longos, sendo também o perfil que possui maior risco de oscilação de desempenho, com possibilidade de rentabilidades baixas ou negativas por mais tempo.
Tipo de participante	Aquele que pode e se sente confortável em correr mais riscos do que nos outros perfis, visando atingir maiores retornos no longo prazo. Tem que estar disposto a encarar a alta variação das taxas de juros e das Bolsas de Valores e tolerar rentabilidade acumulada negativa por prazo relevante em cenários adversos.
Benchmark (referência de rentabilidade)	60% do CDI + 40% Ibovespa, rebalanceado mensalmente
Intervalo de alocação em renda variável	Entre 30% e 50%.

Importante: Com o novo intervalo de alocação, o perfil Arrojado RV 40 pode investir de 30% a 50% de seu patrimônio em renda variável.

Risco relativo do investimento

10

9

8

7

6

5

4

3

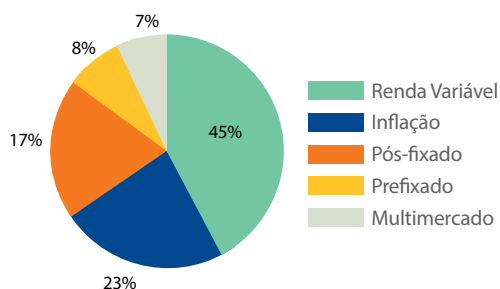
2

1

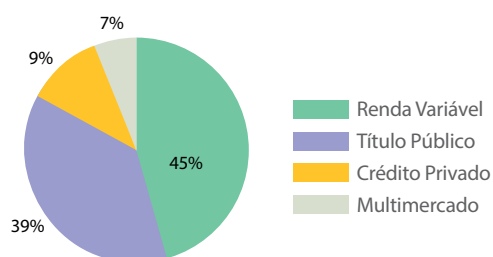
0

Alocação atual (% do patrimônio)

Divisão por estratégia



Divisão por classe de ativo



Desempenho

	2016 ^{*1}	12 meses	24 meses	36 meses
Retorno da carteira	19,92%	23,08%	25,02%	43,13%
Retorno do benchmark	17,98%	18,43%	16,95%	34,07%
CDI	9,21%	14,13%	28,22%	41,17%
Inflação - IPCA	5,42%	8,97%	19,36%	27,13%
Ibovespa	33,57%	24,18%	-5,53%	15,78%
Volatilidade ^{*2} (% ao ano)	8,00%	7,45%	7,28%	6,68%
Retornos positivos ^{*3} (% dias)	58,33%	57,94%	54,85%	54,63%
Retornos acima do benchmark ^{*4} (% de dias)	55,36%	57,14%	55,64%	53,70%

*1 Acumulado de janeiro a agosto de 2016

*2 Medida de risco que quantifica a dispersão dos retornos de um portfólio num determinado período de tempo. O estimador usado para medir a volatilidade foi o desvio padrão histórico

*3 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi positiva

*4 Percentual de vezes em que a rentabilidade diária da carteira foi superior à rentabilidade diária do benchmark

Quadro de incerteza ainda deve permanecer

Na avaliação das opções de perfil, além de ter em mente sua situação e expectativas pessoais, o participante também deve compreender o que está acontecendo na economia, pois momentos de maior ou menor instabilidade têm impacto direto sobre a performance dos investimentos. Confira a análise da área de Investimentos sobre o que vem por aí:



A realidade hoje

Já começam a aparecer sinais mais claros de recuperação na economia.

A confiança de empresários e consumidores, que costumam antecipar a retomada da atividade econômica, indica melhora disseminada. O setor industrial, por exemplo, apresentou sequência de expansão que não se observava desde 2012. Pode-se até fazer projeções de maior crescimento a partir do segundo semestre deste ano.

Com a onda de otimismo, os preços de ativos exibiram bom desempenho recentemente. A inflação tem se mostrado mais resistente do que o projetado, mas a tendência é que ela ceda aos poucos. Por outro lado, o desemprego, que está em nível historicamente elevado, ainda deverá crescer por algum tempo.



Riscos e oportunidades

É preciso destacar que essa conjuntura ainda oferece riscos relevantes. A recuperação da atividade só ganhará consistência com a aprovação das reformas fiscais propostas como o teto de gastos públicos e a reforma da Previdência. Caso contrário, pode haver novamente nervosismo nos mercados. Os próximos meses serão, então, muito importantes para determinar a capacidade de o governo sancionar suas propostas. Se isso acontecer, a pressão inflacionária deve começar a ceder, abrindo espaço para a consequente queda das taxas de juros.

Vale destacar, porém, as incertezas relacionadas a fatores externos como a eleição nos Estados Unidos, a potencial elevação dos juros americanos e os resultados da saída do Reino Unido da União Europeia.



Perspectivas para a renda fixa

Em se materializando a previsão de queda da inflação e das taxas de juros, os investimentos em renda fixa prefixados e indexados à inflação tendem a apresentar resultados positivos. Por hora, os ativos de renda fixa pós-fixada também deverão ter bom desempenho, uma vez que os juros ainda devem permanecer em patamar elevado por algum tempo.



Perspectivas para a renda variável

O que fundamenta a valorização de uma ação no longo prazo são os lucros gerados pela empresa emissora. Muito dificilmente os lucros crescem em uma conjuntura recessiva. À medida que mudam os cenários para a economia brasileira, a atratividade das ações pode aumentar. Os agentes financeiros, em geral, antecipam essa melhora, o que se nota pelo bom desempenho da Bolsa nos últimos meses.



A gestão dos investimentos

Com fundamentos sólidos e foco no longo prazo que permitem filtrar os ruídos de curto prazo, a gestão dos recursos mantém sempre um portfólio diversificado em ativos, estratégias e regiões que proteja o patrimônio dos participantes e assistidos em momentos adversos e acompanhe boa parte dos movimentos de alta do mercado. Um bom exemplo é o aumento da exposição à renda variável internacional, feito em 2014 e 2015, que compensou parte importante da má performance da renda variável local naqueles anos.

Olhando o hoje e o amanhã

As análises de rentabilidade dos perfis (como as que aparecem nas páginas 6 a 9) servem como uma bússola para o participante saber como está o desempenho da opção que escolheu. Esse parâmetro permite refletir sobre a adequação da relação risco e retorno de seu perfil a partir de diferentes horizontes (no ano, 12, 24 e 36 meses) e a performance da carteira frente ao seu benchmark. Somente isso!

Os quadros de resultado não devem ser usados para tentativas de projeção de rentabilidades futuras. **Ou seja, não é recomendável que o participante troque seu perfil com base apenas no desempenho em períodos anteriores.** Essa inadequação pode ser comprovada por um estudo feito pela área de Investimentos que simulou o retorno que teria sido obtido por um participante que alterasse, anualmente, de perfil para a opção com a rentabilidade mais alta acumulada no período anterior. É o chamado perfil “retrovisor”, aquele que considera o passado e não o presente e o futuro.

Segundo Pedro Boainain, diretor de Investimentos da Fundação, não é possível assegurar que o que foi bom no passado continuará a ser bom no futuro e tomar uma decisão baseada em rentabilidades anteriores, sem conhecer adequadamente o perfil e refletir sobre suas condições pessoais, é garantia de insatisfação no futuro. “Os resultados do perfil ‘retrovisor’ demonstram esse risco de maneira transparente. O participante deve fazer uma escolha consciente, derivada de uma reflexão ampla e profunda sobre as variáveis que conhece como seu planejamento financeiro e previdenciário, seu comportamento diante de riscos e oscilações e a situação econômica”, recomenda.



Rentabilidade do perfil “retrovisor” em relação aos 4 perfis

(resultado acumulado acima da inflação* - de janeiro de 2003 a agosto de 2016)

Arrojado RV 40	173,85%
Moderado RV 20	160,29%
Conservador RV 7,5	143,14%
Ultraconservador RF DI	133,28%
“Retrovisor”	108,65%

O estudo revelou que, em um comparativo de longo prazo, o perfil “retrovisor” obteve o menor resultado acumulado. Ou seja, rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura.

* Para o período anterior à criação dos perfis, foi usado o desempenho do benchmark de cada carteira.

Na hora da decisão

Você viu, na página anterior, o risco de uma escolha feita olhando pelo “retrovisor”, confira agora algumas dicas para tomar uma decisão mais consciente:

Na Área do Participante (acesso com seu CPF e senha), você encontra o **questionário sobre perfil de investimento** que pode ajudá-lo a entender melhor sua atitude diante dos diferentes riscos.

- É essencial fazer - e seguir - um **planejamento financeiro** que considere a importância do plano de previdência. Para isso, deve-se analisar fatores como idade, tolerância a perdas de curto prazo, número de anos que ainda se pretende trabalhar, situação patrimonial, despesas com filhos, existência de seguros, ajuda financeira a familiares e a própria saúde do participante.
- Quando se trata de investimentos, especialmente no que diz respeito às reservas para a aposentadoria, ruídos de curto prazo e **resoluções sob o efeito da emoção** podem desviar o participante de sua programação.
- Em relação à **conjuntura econômica**, o correto é avaliar se houve alterações significativas que fizeram com que o **risco do perfil** atual passasse a ser inadequado ao participante. Porém, não se pode perder de vista que a essência de um plano de aposentadoria tem a ver com metas de longo prazo e, portanto, oscilações de preços em períodos curtos não são o aspecto mais relevante a ser analisado.
- Com mais tempo para acumulação, **o participante que está longe da aposentadoria** tende a suportar perdas no curto prazo que podem ser compensadas por maiores rentabilidades no longo prazo. De qualquer forma, é fundamental observar sua tolerância a perdas, que é um aspecto subjetivo, e os fatores indicados acima.
- **O participante que está próximo da aposentadoria** possui, em tese, menor capacidade de assumir riscos, uma vez que o potencial de acumulação advindo do trabalho já foi bastante consumido.
- **O assistido** que não conta com outras fontes de renda deve preferir perfis com riscos menores, pois resultados negativos são diretamente sentidos no valor do seu benefício.

Dúvidas?

Pessoalmente

Em Belo Horizonte (MG)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Albita, 131 – 4º andar | Cruzeiro
CEP 30310-160

Em Curitiba (PR)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Marechal Deodoro, 869 – 17º andar | Centro
CEP 80060-010

Em Goiânia (GO)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Av. República do Líbano, 1551 – Sala 602
Ed. Vanda Pinheiro | Setor Oeste
CEP 74125-125

Em Recife (PE)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h*
Av. Rui Barbosa, 251 – 4º andar
Ed. Parque Amorim | Graças
CEP 52011-040

Em São Paulo (SP)

De 2ª a 6ª feira – das 10h às 17h
Rua Carnaubeiras, 168 – 3º andar | Jabaquara
CEP 04343-080

Por telefone ou fax

São Paulo (SP)

De 2ª a 6ª feira – das 8h às 19h
Fone 11 4002 1299 | Fax 11 5015 8443
Demais localidades
Fone 0800 770 2299

Pela internet

www.fundacaoitauunibanco.com.br
Canal “Fale Conosco”

Como fazer

Clicando no banner localizado na página inicial do site da Fundação (www.fundacaoitauunibanco.com.br), você é direcionado para Área do Participante. Lá, basta seguir as instruções. Após a troca, você precisa imprimir o formulário e encaminhá-lo assinado para a Fundação Itaú Unibanco - Rua Carnaubeiras, 168 – 3º andar – Jabaquara – CEP 04343-080 – São Paulo (SP). Somente serão aceitos os formulários recebidos até o dia 16 de novembro de 2016.

Sua escolha entrará em vigor em janeiro de 2017 e poderá ser visualizada em fevereiro, após o fechamento da reserva de janeiro.

